

**ANÁLISE DA ANEXAÇÃO DA CRIMEIA PELA RÚSSIA (2014) À LUZ DA TEORIA  
DOS JOGOS**

Rafaela Oliveira Silva  
Orientador: Prof. Dr. Flávio Pedroso Mendes

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo realizar a análise do caso da anexação da Crimeia pela Rússia, ocorrido em 2014. Como fundamento teórico, será utilizado a Teoria dos Jogos e seus conceitos, a fim de entender os movimentos realizados pelos atores envolvidos, dando destaque para a Rússia e os aliados da OTAN. A principal hipótese trabalhada é que para garantir seu objetivo, a Rússia adotou uma estratégia ousada dentro da Teoria dos Jogos conhecida como brinkmanship. A relevância dessa análise se dá devido ao impacto do caso para a comunidade internacional e a mobilização decorrente na época. Além disso, procura-se propiciar um entendimento sobre os rumos da geopolítica atual, uma vez que esse caso representa o início da atuação russa na Ucrânia.

**Palavras-chave:** Anexação da Crimeia; Teoria dos Jogos; Rússia; Ucrânia.

**ABSTRACT**

This article aims to analyze the annexation of Crimea by Russia in 2014. As the theoretical approach, Game Theory and its concepts will be used in order to understand the movements fulfilled by the actors involved, emphasizing Russia and NATO allies. To secure its goal, Russia adopted a bold strategy in Game Theory known as brinkmanship. The importance of this analysis is given by two reasons: the impact of the case in the international community and the resulting mobilization at the time. In addition, it seeks to provide an understanding of the current geopolitics directions, since this case represents the beginning of Russian action in Ukraine.

**Key-words:** Annexation of Crimea; Game Theory; Russia; Ukraine.

## **1. INTRODUÇÃO**

A Teoria dos Jogos é um método utilizado para realizar análises de situações estratégicas, que contam com interdependência entre duas ou mais partes. Comumente, essa teoria é utilizada no estudo de conflitos, crises, competições ou embates. O objetivo da teoria é analisar as decisões e caminhos possíveis de cada ator, a fim de identificar a melhor estratégia através da compreensão lógica (FIANI, 2009).

Existe uma ampla aplicação da Teoria dos Jogos nas Relações Internacionais. A relação entre ambas áreas de estudo é embasada devido ao pressuposto de que os Estados e demais partes que formam o sistema internacional são atores racionais, estratégicos, que interagem e possuem certa dependência entre si. Dessa forma, iniciar-se-á a análise da anexação da Crimeia em 2014, que foi um evento que causou instabilidade no cenário internacional.

A Crimeia é uma região estratégica próxima ao Mar Negro no Leste Europeu. Em 2014, a península, até então pertencente à Ucrânia, foi anexada à Rússia sob o argumento de que possuía uma população majoritariamente russa. O conflito, entretanto, dispunha de vários âmbitos de interesse entre os países, uma vez que a região possui um impacto político, social, econômico e militar para ambos.

Em adição ao conflito direto com a Ucrânia, a Rússia recebeu sanções econômicas e políticas, além de ameaças de intervenções de países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). As tensões poderiam ter levado ao escalonamento do conflito, gerando consequências no âmbito global. Esse trabalho se propõe à análise de como a Rússia lidou com a questão evitando o conflito, dissuadindo os demais países de agirem com o emprego da força e, ainda, preservando sua conquista sobre o território da Crimeia.

## **2. FUNDAMENTOS DA TEORIA DOS JOGOS**

### **2.1 Introdução à Teoria dos Jogos**

A Teoria dos Jogos teve seu início após a Primeira Guerra Mundial, sendo fundamentada na matemática e no estudo dos jogos de mesa. No entanto, seu uso logo foi expandido para além das ciências exatas, passando a ser utilizada na administração, economia e, mais recentemente, na política e relações sociais (FIANI, 2009).

Para explicar a Teoria dos Jogos, Fiani (2009) faz uma analogia entre uma partida de xadrez e um encontro entre países para assinar um acordo de não proliferação de armas nucleares. A similaridade entre essas duas situações está no fato de que, em ambos os casos, as decisões das partes interagem estrategicamente, uma vez que existe interdependência entre suas escolhas. A peça que um jogador mexe interfere em qual será a próxima jogada de seu oponente, assim como as escolhas de um país influenciam as de seu parceiro. Assim, a definição de Teoria dos Jogos a ser usada terá base na obra de Fiani (2009), que caracteriza um jogo como situações que apresentem interdependência reconhecida entre atores racionais que se comportam estrategicamente.

Um jogo é formado por três principais aspectos: as ações possíveis a serem tomadas pelos jogadores, a ordem de quem realiza os movimentos e os possíveis resultados das escolhas realizadas. Desse modo, como se trata de uma interação mútua, os jogadores tomam a ciência de que as decisões de ambas as partes alteram o jogo como um todo. Trata-se de analisar não apenas as suas decisões, mas os efeitos sobre o jogo e os demais jogadores e as reações destes (FIANI, 2009). Em síntese, a Teoria dos Jogos analisa a tomada de decisão interativa, com o objetivo de auxiliar os jogadores a maximizar seus ganhos e minimizar suas perdas (DIXIT, SKEATH, 1999).

A partir desse pensamento, estudiosos da área passaram a se preocupar em como a teoria poderia ser empregada em situações conectadas com a realidade. Surgiram, assim, os modelos de jogos que podem ser aplicados a situações específicas, a fim de facilitar a análise geral de possíveis ações, consequências e resultados (DIXIT, SKEATH, 1999).

## **2. 2 Modelos de jogos: o Jogo do Chicken**

Um dos modelos de jogos mais famoso é conhecido como “Jogo do Chicken” ou, em uma tradução livre, “Jogo do Covarde”. Esse é ilustrado com dois

adolescentes dirigindo, um em direção ao outro, em seus carros. O objetivo é manter sua posição no carro, sem desviar. Aquele que desvia primeiro perde e é apelidado de galinha - o que dá origem ao nome do jogo. No entanto, se nenhum dos dois adolescentes desviar, a consequência é um acidente desastroso em que ambos se ferem gravemente e saem derrotados (HAUSKEN, 2002).

Nesse jogo, a melhor alternativa para o jogador 1 é manter a posição do carro e o jogador 2 optar por desviar. Em contrapartida, o resultado oposto, com o jogador 1 desviando primeiro, é o preferível para o jogador 2. Se ambos desviarem, o resultado é um empate. Mas se ambos mantiverem o rumo dos carros, o resultado é uma derrota conjunta (CHAMMAH, RAPOPORT, 1966; HAUSKEN, 2002).

O Jogo do Chicken é um jogo simultâneo, isto é, em que os jogadores tomam a sua decisão ao mesmo tempo. No entanto, essa característica pode ser alterada com a aplicação de movimentos estratégicos, como será detalhado mais à frente. Quanto ao resultado, não se trata de um jogo estritamente competitivo, uma vez que ambos os jogadores têm o objetivo maior de evitar o embate, o que levaria a dois possíveis cenários: um empate ou a aceitação de uma derrota por uma das partes. No entanto, é necessário salientar que, caso um jogador saia vitorioso, seu oponente foi, impreterivelmente, derrotado (FIANI, 2009).

É possível representar o jogo da seguinte forma:

Figura 1 - Jogo do Chicken

		Dean	
		Desvia	Mantém
James	Desvia	0,0	-1,1
	Mantém	1,-1	-2,-2

Fonte: Dixit, Skeath, 1999

Nesse jogo, entretanto, não há como prever qual resultado mais provável de se concretizar, o que caracteriza um dilema. Isso ocorre, pois, o jogo não possui estratégias dominantes e apresenta dois resultados possíveis de equilíbrio, sendo esses a vitória de cada um dos jogadores. Essa condição pode ser alterada em alguns casos, como na existência de pontos focais ou aplicação de movimentos estratégicos - assim, um resultado pode se tornar mais provável. Outra característica importante é o fato de não ser possível fugir de um Jogo do Chicken. Caso um dos jogadores opte por não jogar, a própria escolha representa uma jogada, entendida como uma derrota instantânea (FIANI, 2009).

Pensando em uma aplicação real, esse modelo foi bastante utilizado para descrever o embate entre EUA e URSS durante a Guerra Fria. O objetivo de ambos os países era manter sua posição, mas, caso entrassem em um combate direto, a consequência poderia ser uma guerra termonuclear de proporções desastrosas (FIANI, 2009).

Na representação do jogo, assim como no conflito da Guerra Fria, nota-se que o dilema é bastante difícil de ser resolvido com base apenas nas escolhas possíveis aos jogadores. Dessa forma, para se resolver esse tipo de jogo, por vezes é preciso que os adversários utilizem estratégias, ao invés de apenas seguir a lógica do jogo, a fim de manipular a estrutura a seu favor (FIANI, 2009).

### **2.3 Movimentos Estratégicos**

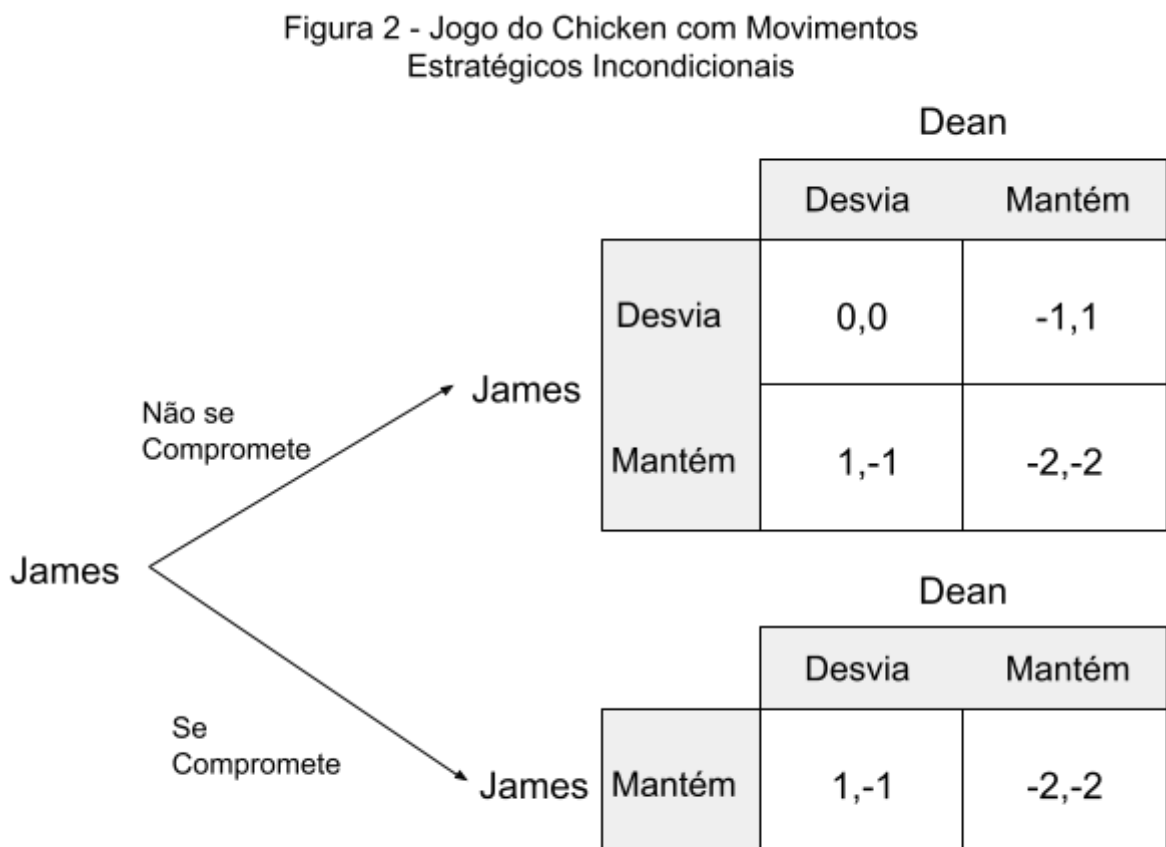
Como supracitado, a estrutura de um jogo é formada por três pontos: as ações disponíveis aos jogadores; a ordem das jogadas; e os possíveis resultados. A menos que existam regras específicas que limitem isso, um jogador pode manipular a estrutura do jogo para estabelecer vantagem. Alterar a ordem das jogadas, adicionar ou remover etapas, ou até mesmo mudar os possíveis resultados são considerados movimentos estratégicos que podem ser aplicados aos jogos (DIXIT, SKEATH, 1999).

Para estabelecer um movimento estratégico um jogador deve assumir o papel de *jogar primeiro*. É importante salientar que para que isso ocorra a ação deve ser: (a) observável, para que o outro jogador veja que as regras mudaram; e (b) irreversível, para garantir que quem tomou a ação não tem poder de alterá-la. Assim,

toda a responsabilidade é transferida para o segundo jogador (DIXIT, SKEATH, 1999).

A forma como o jogador faz seu primeiro movimento vai variar de acordo com os movimentos estratégicos. A priori, os movimentos estratégicos podem ser definidos em dois tipos: condicionais e incondicionais. O primeiro ocorre quando a escolha do jogador B na segunda etapa do jogo depende da escolha do jogador A, ou seja, a escolha pode ser alterada a depender do que ocorrer na primeira etapa. O segundo, por sua vez, ocorre quando a escolha do jogador B na segunda etapa do jogo independe da ação do jogador A - independente do que ocorrer na primeira etapa, já existe uma decisão pré-estabelecida (DIXIT, SKEATH, 1999).

Dixit e Skeath (p.317) representam essa lógica com um modelo de jogo de um movimento estratégico incondicional:



Fonte: Dixit, Skeath, 1999

Para realizar esses movimentos, o jogador que age primeiro utiliza de táticas combináveis entre si, como comprometimento, promessas e ameaças, com objetivo

de influenciar a ação do oponente. Contudo, é necessário se ater ao fato de que os movimentos estratégicos só funcionam se o jogador consegue aplicar credibilidade à sua fala. Apenas ameaçar qual será seu próximo movimento não é o suficiente, o jogador precisa mostrar a veracidade da sua iniciativa (DIXIT, SKEATH, 1999).

Nesse contexto, o jogador deve se colocar em uma posição em que ele não tem outra possibilidade além de reagir como ele havia indicado anteriormente, o que reforça a importância da irreversibilidade da ação. As duas principais táticas para credibilizar uma ação são limitar suas opções e alterar a sua recompensa final no jogo, o que baseia a maioria dos movimentos estratégicos (DIXIT, SKEATH, 1999; SCHELLING, 1966).

#### **2.4. Brinkmanship e Sinalização**

Ainda na discussão sobre movimentos estratégicos, também é importante tratar sobre o conceito de *brinkmanship*. Schelling (1981) descreve essa estratégia como:

Significa assediar e intimidar um adversário, o expondo a um risco compartilhado, ou dissuadir esse adversário mostrando que, se ele fizer um movimento adverso, pode causar uma perturbação que levará todos a deslizar por um barranco, independentemente da vontade de qualquer dos envolvidos (p.200, tradução livre).

Em outras palavras, o *brinkmanship* pode ser descrito como uma estratégia de negociação ousada em que jogador emprega ameaças e insere novos riscos no jogo a fim de fazer com que a parte oposta recue. Para garantir essa estratégia, é necessário que os riscos sejam inseridos para ambos os jogadores. Uma estratégia para tornar o *brinkmanship* ainda mais eficaz é garantir que os riscos inseridos sejam maiores para o jogador oposto - em uma lógica de “eu posso perder, mas você vai perder mais”. Esse risco adicional costuma entrar como um elemento que não é controlado pela parte que o inseriu, a fim de credibilizar a ameaça (DIXIT, SKEATH, 1999; SCHELLING, 1981).

Entretanto, o *brinkmanship*, por ser uma estratégia bastante arriscada, não pode ser aplicada a todos os casos com a mesma expectativa de sucesso. Um dos maiores desafios de um jogador que emprega esse movimento é garantir que seu oponente acredite em suas ameaças. Isso é importante para que se possa colocar em prática o que Schelling (1981) chama de a última chance clara. Esse termo é

empregue quando um dos jogadores limita suas opções de ação, fazendo com que o único movimento que pode evitar que ambos atinjam o pior cenário resida nas mãos do seu adversário (DIXIT, SKEATH, 1999; SCHELLING, 1981).

No entanto, caso as ameaças não tenham credibilidade, o movimento estratégico incondicional fica debilitado e o oponente pode não assumir a responsabilidade de ter última chance clara de evitar o conflito. Nesse caso, isso poderia guiar ambos ao pior cenário possível no jogo ou forçar o primeiro jogador a recuar com a sua posição, gerando perda de reputação e no resultado do próprio jogo (DIXIT, SKEATH, 1999; SCHELLING, 1981).

Por isso, a credibilidade é um dos fatores centrais do *brinkmanship*. Como supracitado, apenas indicar uma atitude futura não é o suficiente para convencer seu adversário que ela vai ocorrer. É necessário que o oponente acredite no risco e na disposição do jogador de assumi-lo. Dessa maneira, a decisão será influenciada, forçando-o a assumir a responsabilidade de ter que evitar o pior cenário. Um dos recursos usados para garantir essa credibilidade é a sinalização, que pode ser definida como a demonstração, por meio de declarações e ações, do seu comprometimento com a sua posição (DIXIT, SKEATH, 1999).

No que tange a sinalização, destaca-se o conceito de sinais custosos, isto é, atitudes tomadas por um jogador que desempenham dois papéis fundamentais. Em primeiro lugar, elas devem ser claras, garantindo o aumento do risco de um conflito e um resultado indesejado dentro do próprio jogo. Segundo, essas ações também servem para aumentar os custos de um recuo ou desistência para o jogador que realiza a ameaça. Normalmente, jogadores que estão blefando não tendem a assumir essas ações de sinalização por esse custo e risco representado. Assim, esse tipo de ação compromete o jogador que a toma e mostra sua disposição a cumprir com as ameaças, além de atuar como uma projeção de quais são suas intenções dentro do jogo (DIXIT, SKEATH, 1999; HUGH, 1999).

Um exemplo mais prático disso seriam dois generais indo em direção a um conflito iminente. Nenhuma das duas partes quer de fato que o conflito ocorra, pois, ambas sairiam perdendo, mas também não há intenção de recuo, pois isso daria vantagem ao oponente. Assim, um dos generais pode utilizar o *brinkmanship* fazendo, por exemplo, a ação de cortar a comunicação com suas tropas e informar essa ação à outra parte, com demonstração de veracidade e de irreversibilidade, "sinalizando", assim, suas intenções. Desse modo, o general que realizou a ação



pode afirmar que, caso a outra parte não recue, seus soldados vão atacar e ele não teria como intervir (DIXIT, SKEATH, 1999; SCHELLING, 1981).

Neste exemplo fictício, é possível observar que existe uma ameaça, o ataque, e um risco inserido, a perda de comunicação, além da irreversibilidade da ação. Assim, verifica-se que a estratégia do *brinkmanship* pode ser amplamente utilizada em situações de impasse, uma vez que consiste na ação antecipada de um dos atores que cria, deliberadamente, um novo risco e dá a última chance clara de evitar o pior resultado à parte oposta (DIXIT, SKEATH, 1999; SCHELLING, 1981).

### **3. ESTUDO DE CASO: A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA**

#### **3.1 A Crise Ucraniana**

Historicamente, a Ucrânia representa um território bastante estratégico na percepção da Rússia. Por ser o país com maior extensão territorial, a Rússia se preocupa com a sua vulnerabilidade terrestre a possíveis ataques. Dessa forma, a Ucrânia - junto com Estônia, Letônia, Geórgia, Bielorrússia e Azerbaijão - são países imprescindíveis na visão estratégica russa, por atuarem como uma zona neutra entre ela e os países europeus que compõem a União Europeia e, principalmente, a OTAN (MARSHALL, 2015).

Ademais, a Ucrânia representa um aliado histórico na visão russa, trazendo ainda alguns benefícios para a Rússia. O primeiro benefício se dá pelo fato de que a Rússia, em sua extensão, não possui um porto com acesso aos mares de água quente. Assim, o país utiliza o porto ucraniano de Sevastopol, na Crimeia, como base militar, além de outras atividades marítimas (MARSHALL, 2015). Vale ressaltar, ainda, o peso econômico da Ucrânia para a Rússia, devido às suas reservas de gás natural (MIELNICZUK, 2014).

Conforme supracitado, para a Rússia é muito importante a manutenção das zonas neutras entre ela e a Europa Ocidental. Entretanto, indo de encontro a suas pretensões, a OTAN iniciou na década de 1990 uma expansão de seus aliados em direção à Europa Oriental. Em 1999, foram integrados à organização a República Checa, Hungria e Polônia. Em seguida, em 2004, foram incluídos a Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia. Por fim, em 2008, os

líderes da OTAN tornaram públicas suas pretensões de incluir a Geórgia e Ucrânia em seu rol de aliados (MEARSHEIMER, 2014).

Desde a primeira onda de expansão da OTAN, houve preocupação e críticas feitas pelo lado russo. Entretanto, na época o país não tinha força o suficiente para se posicionar militarmente contra esse movimento. Entretanto, a situação tomou outros rumos quando a ameaça de perda de influência foi relacionada à Geórgia e à Ucrânia (MEARSHEIMER, 2014).

Desde sua independência, em 1991, a Ucrânia usou seu papel de zona neutra para se beneficiar, ora aproximando-se do lado europeu, ora do lado russo, balanceando a influência de cada lado no país. Em 2005, Viktor Andriyovych Yushchenko assumiu como presidente da Ucrânia e optou por guiar o país rumo a uma proximidade maior com a Europa Ocidental. Todavia, devido à falta de auxílio econômico do FMI e dos demais países e organismos europeus em relação à Ucrânia, a onda de pró-ocidente perdeu força no país. Assim, nas eleições seguintes, Yushchenko conseguiu apenas 5% dos votos. Em seu lugar, assumiu Víktor Fédorovych Yanukovich, o qual mantinha uma política pró-russa em seus discursos (MIELNICZUK, 2014).

É importante destacar um momento em que, seguindo sua orientação política, o presidente Yanukovich declinou um acordo de livre comércio e associação política com a União Europeia, aceitando em contrapartida um acordo com a Rússia, em 2013. Essa atitude recebeu grande resistência e críticas por parte da população. Em resposta, milhares de manifestantes foram às ruas, o que impeliu Yanukovich a abandonar o cargo como presidente (MEARSHEIMER, 2014).

O novo governo foi formado por um grupo denominado “setor da direita”, formado por extremistas com uma postura ultranacionalista, que mantinham um discurso contra russos e judeus. Essa ideologia mudou as diretrizes políticas do país novamente para um movimento pró-ocidente. Como consequência, os líderes dos EUA e da União Europeia logo reconheceram o novo governo que derrubou um presidente eleito democraticamente. A Rússia, por sua vez, encontrou no novo direcionamento político da Ucrânia uma ameaça, o que a levou a se posicionar contra o país (MIELNICZUK, 2014).

Esses acontecimentos e suas repercussões ficaram conhecidos como a Crise Ucraniana (MIELNICZUK, 2014). Todavia, segundo Kissinger (2014), é importante notar que este não se trata apenas de um conflito regional entre Ucrânia e Rússia,

mas sim um conflito muito mais centrado na Rússia e OTAN e nas delimitações de suas respectivas zonas de influência.

### **3.2 A anexação da Crimeia**

A mudança de governo na Ucrânia foi vista como uma ameaça pela Rússia, por abarcar duas das maiores preocupações do país - a vulnerabilidade territorial frente à Europa Ocidental sem um território neutro entre eles, e a perda de acesso ao seu único porto de água quente. Além disso, do ponto de vista social o discurso anti russo ia de encontro a promessa feita pela Rússia, após a queda da URSS, que nenhum cidadão russo fora do território do país seria tratado como cidadão de segunda classe. Neste sentido, a Rússia tinha ainda como justificativa para sua oposição o fato de haver quase 9 milhões de russos em território ucraniano (MARSHALL, 2015; MIELNICZUK, 2014).

Assim, o presidente russo Vladimir Vladimirovitch Putin ordenou, em 22 de fevereiro de 2014, que as tropas russas invadissem e tomassem a Crimeia. (MEARSHEIMER, 2014). A Crimeia é uma península localizada ao sul da Ucrânia, cujo território pertenceu à antiga URSS e somente foi cedida para a Ucrânia em 1954. Esse histórico fez com que a região mantivesse laços culturais com a Rússia e que possuísse uma população bastante diversa. Enquanto o oeste da Crimeia é majoritariamente católico e utiliza o ucraniano como idioma, o leste apresenta maioria ortodoxa russa e utiliza o russo como idioma principal. Além disso, em 2014, estimava-se que cerca de 60% da população da Crimeia fosse russa (HIMKA, 2015; KISSINGER, 2014).

Essa proximidade da região com a cultura e etnia russa proporcionou um motivo social para justificar a anexação, além de ter, de certa forma, facilitado esse processo. Em 2014, o presidente Putin realizou um referendo na região para saber a opinião dos residentes sobre a integração da Crimeia ao território russo e o resultado da maioria foi favorável à Rússia (MIELNICZUK, 2014).

Os aspectos sociais podem ter seu peso na motivação para a anexação, mas não se pode esquecer que, para além da proximidade com a Rússia, a Crimeia ainda possui uma grande importância geopolítica. A saída para o mar negro e a base de Sevastopol são largamente utilizados pela Rússia - o que aumentava ainda mais a necessidade da península. Assim, com o apoio popular e a pré-existência de

milhares de tropas russas estacionadas na referida base de Sevastopol a tomada do território não apresentou tamanhas dificuldades (MEARSHEIMER, 2014).

Em uma visão estratégica, a anexação da Crimeia era uma ação importante para que a Rússia demonstrasse seu empenho em evitar que a Ucrânia se aliasse à Europa Ocidental. Nesse sentido, Putin forneceu conselheiros, armas e apoio diplomático para os separatistas russos estacionados no leste da Ucrânia. Posteriormente, militares armados pró-Rússia tomaram as cidades ucranianas de Donetsk e Kharkiv (MEARSHEIMER, 2014; MIELNICZUK, 2014).

Com esses desdobramentos, o governo ucraniano temeu pela integridade territorial do país, com possíveis anexações de outros territórios. Dessa forma, o governo na capital de Kiev autorizou o envio de forças militares para essas regiões com o objetivo de conter os rebeldes russos. Do outro lado, Putin posicionou um exército na fronteira ucraniana e ameaçou invadir caso o governo atacasse os rebeldes pró-Rússia. Essas ações levaram ao escalonamento do conflito e uma maior repercussão no cenário internacional (MEARSHEIMER, 2014; MIELNICZUK, 2014).

### **3.3 A repercussão da crise no cenário internacional**

A anexação da Crimeia gerou grande repercussão na comunidade internacional. Nesse sentido, assim que consolidada a anexação, a OTAN protestou contra o ato. Em março de 2014, os membros da Assembleia Geral da ONU se reuniram para discutir sobre o referendo realizado na Crimeia - cuja opinião dos residentes foi de maioria favorável à integração com a Rússia. O discurso endossado era de que o referendo era ilegal e o resultado final foram 100 votos respaldando essa visão, 58 abstenções e 11 votos contra (ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, 2014; SAIZ, 2014).

Apesar dos discursos de Putin colocando a anexação como uma medida de defesa da Rússia contra o novo governo da Ucrânia e da expansão da OTAN, os EUA e as potências europeias entenderam como uma suposta tentativa russa de expandir seu território e aumentar seu poder. Como resposta, o Ocidente realizou uma série de retaliações (MEARSHEIMER, 2014).

Um dos primeiros atos tomados foram sanções econômicas. Os EUA e a União Europeia congelaram bens, restringiram viagens e adotaram outras medidas

econômicas destinadas a políticos no entorno de Putin. Posteriormente, a Grã-Bretanha realizou uma sanção comercial, cancelando as licenças de exportação de armas para a Rússia (GOMEZ, 2014; MIELNICZUK, 2014).

Além disso, houve uma tentativa de isolamento da Rússia no cenário internacional por meio da proibição de que o país participasse de algumas reuniões do G8 - grupo dos oito países mais industrializados do mundo. Os Estados Unidos também apoiaram as medidas militares do novo governo de Kiev na tentativa de retomada das cidades no leste do país. Essa comoção gerou repercussão mundial e o conflito foi comumente descrito na mídia como a crise mais próxima da Guerra Fria (FERRER, 2014; MIELNICZUK, 2014).

A postura de Putin, no entanto, foi mantida longe da agressividade. O presidente manteve o discurso de defesa da anexação da Crimeia à Rússia, mas também declarou não querer causar mais danos aos ucranianos e nem levar à separação do país. É importante ressaltar, contudo, que suas palavras foram respaldadas por 40 mil soldados que permaneciam na fronteira da Ucrânia prontos para invadir caso houvesse algum tipo de resistência ou contra-ataque, além de tropas estacionadas na própria Crimeia (MIELNICZUK, 2014).

Com esses desdobramentos, o apaziguamento do conflito se tornava cada vez menos provável e a comunidade internacional temia por um embate generalizado entre as nações. No entanto, apesar de a OTAN apresentar sua desaprovação e deslegitimação em relação a anexação da Crimeia com veemência, a organização assumiu, por fim, uma postura tímida e limitada, declarando que enviar apoio militar para a região estava fora de questão. Essa atitude permitiu a consolidação do governo russo sobre a região e o sucesso da anexação (MIELNICZUK, 2014).

## **4. ANÁLISE DO CASO À LUZ DA TEORIA DOS JOGOS**

### **4.1 As estratégias utilizadas pela Rússia na anexação**

A região da Crimeia representava um enorme ganho para a Rússia por vários fatores. Dentre eles, é preciso enfatizar a sua posição estratégica, uma vez que os portos no Mar Negro eram a única saída para águas quentes que o país possuía, além da localização da base militar de Sevastopol. Ademais, salienta-se o aspecto

social e cultural, uma vez que a população da Crimeia era composta em grande parte por cidadãos russos. Ainda entre os fatores, quiçá o maior deles, destaca-se o próprio valor simbólico da presença russa no território, no intuito de demonstrar a força da Rússia e inviabilizar a aproximação da Ucrânia com a OTAN e a União Europeia, como estava ocorrendo desde meados dos anos 2000. Dessa forma, o ganho para os russos seria tanto econômico quanto político e militar (MEARSHEIMER, 2014).

Do lado Ocidental, os aliados da OTAN e Ucrânia, a Crimeia também tinha certo valor. Primeiro, cabe ressaltar a importância do território para a própria Ucrânia, por motivos sociais, políticos e econômicos, uma vez que a península integrava o território ucraniano há mais de 50 anos. Segundo, a anexação da península poderia abrir um precedente para que outras cidades ucranianas, ou em outras regiões próximas, fossem também tomadas pela Rússia. Esse último cenário seria completamente desfavorável aos aliados da OTAN considerando a movimentação realizada pelo bloco nos últimos anos, que visava uma aproximação e integração com a Ucrânia e demais países no Leste Europeu. Além disso, o maior temor era o clima de incerteza em relação à Rússia, uma vez que o sucesso nessa anexação poderia dar respaldo para que o país realizasse novas expansões e tentasse aumentar ainda mais seu poder e influência na região (MEARSHEIMER, 2014).

Nesse sentido, uma vez que a Rússia invadiu o território e o anexou, diversas retaliações foram realizadas pelos aliados da OTAN, especialmente os EUA. Houve sanções de cunho econômico e político, mas a maior expectativa era em relação a uma possível interferência militar na região (GOMEZ, 2014; MIELNICZUK, 2014).

Ambos os lados tinham motivos para ingressar no conflito da Crimeia. No entanto, mesmo com tantos benefícios, a anexação do território trazia um risco central para ambos: a possibilidade de escalonamento do conflito. Caso os aliados da OTAN decidissem intervir, como clamava a Ucrânia, o conflito militar tomaria grandes proporções e as perdas tornariam a situação - mesmo no caso de uma vitória - um revés, em função do número de vidas e recursos perdidos e a vulnerabilidade militar e econômica pós-conflito dos países envolvidos (MEARSHEIMER, 2014).

O foco, então, passava a ser evitar que o conflito se estendesse. Para isso, a Rússia precisava realizar movimentos estratégicos que mantivessem sua posição

atual e ainda dissuadissem uma possível intervenção exterior. A estratégia russa, então, será analisada aqui a partir da abordagem da Teoria dos Jogos.

Considera-se que nesse jogo existem dois lados que se posicionam como oponentes: a Rússia e os aliados da OTAN, com destaque para os EUA. Cabe salientar que a Ucrânia, por mais que seja a parte central do conflito, não representa o maior inimigo da Rússia, visto que suas ações não possuem potencial de causar um efeito tão grande que desestime a ação russa.

Com a análise sobre o jogo, compreende-se que as ações disponíveis para ambos os lados são atacar ou não atacar. No caso dos aliados da OTAN essa ação pode ser interpretada como intervir ou não intervir no conflito enquanto que para a Rússia, as opções significam ocupar ou não ocupar o território da Crimeia. Dessa forma, é possível considerar a situação como um Jogo do Chicken, seguindo a definição de Fiani (2009), já que ambos os lados estão seguindo em direção ofensiva um ao outro e não querem se retirar do conflito, mas, caso ambos continuem nesse movimento, o confronto resultaria em perdas desastrosas.

A figura abaixo ilustra a formulação do jogo deste caso:

Figura 3 - Jogo da anexação da Crimeia

		OTAN	
		Não Intervém	Intervém
Rússia	Não ocupa	0,0	-1,1
	Ocupa	1,-1	-2,-2

Fonte: Formulação do autor, 2022

Nesse jogo, seguindo a lógica padrão de um Jogo do Chicken, ambos os jogadores deveriam agir simultaneamente, decidindo se entram ou não no conflito. Esse cenário gera muitas incertezas e riscos para ambas as partes, já que não se pode prever a ação do outro jogador. À vista disso, o perigo maior acaba sendo os dois escolherem o pior cenário, levando ao escalonamento do conflito (FIANI, 2009).

Como tática para garantir sua posição no conflito, a Rússia adotou algumas ações. A primeira delas foi realizada pelo presidente russo, Putin, com declarações públicas que continham ameaças militares em caso de intervenção. A segunda ação foi o posicionamento de tropas russas, a princípio na fronteira com a Ucrânia e em seguida no território da Crimeia (MEARSHEIMER, 2014). Apesar dessas tropas não serem o suficiente para defender a região no caso de uma intervenção externa, elas tiveram um papel crucial no desempenho russo no conflito.

O movimento que a Rússia adotou pode ser compreendido como um movimento estratégico incondicional, isto é, em que a decisão de um ator independe da ação escolhida pelo seu adversário. A estratégia principal era adicionar ao jogo mais uma etapa que influenciasse na decisão do seu oponente. Com essa ação, a Rússia assumia o papel de agir primeiro e retirava o aspecto de simultaneidade do jogo (DIXIT, SKEATH, 1999). Agora, o jogo dispunha de uma nova composição. Com o posicionamento das tropas na Crimeia, a Rússia afirmava que, independente de qual ação a OTAN tomasse, ela continuaria militarmente naquele território.

É importante analisar alguns pontos na estratégia russa. Primeiro, essa ação cumpre com os três requisitos essenciais para um movimento estratégico incondicional: ela afirma o posicionamento da Rússia de agir primeiro; ela é observável, uma vez que foi amplamente noticiada; e é irreversível, uma vez que as tropas não podem ser facilmente retiradas do local (DIXIT, SKEATH, 1999).

Além disso, precisa ser analisado um fator fundamental dos movimentos estratégicos apontado por Schelling (1966): a credibilidade. Diante disso, a maior dificuldade da Rússia era garantir aos oponentes a sua entrada em um conflito de escala global - que poderia acarretar diversas perdas - caso eles prosseguissem com a intervenção. Nesse sentido, tem-se o impacto do que Schelling (1996) intitula de abandono de iniciativa. Essa estratégia consiste em abandonar o seu poder de escolha e deixar completamente nas mãos do adversário a possibilidade de evitar o conflito. Dessa forma, a ação de posicionar as tropas no território da Crimeia traz uma vantagem de barganha para a Rússia: ela realiza o abandono de iniciativa com a garantia que os soldados estarão lá em caso de ataque e, assim, confere a última chance clara de evitar o conflito para a OTAN.

A Figura abaixo ilustra a nova configuração do jogo, incluindo o abandono da iniciativa por parte da Rússia.



Figura 4 - Jogo da anexação da Crimeia com Movimentos Estratégicos Incondicionais

		OTAN		
		Não intervém	Intervém	
Rússia	Se Compromete → Rússia	Ocupa	1,-1	-2,-2

Fonte: Formulação do autor, 2022

Por conseguinte, entende-se que a ameaça pública do presidente Putin de defender o território caso algum país tentasse intervir na região da Crimeia provoca um perigo para o conflito. Contudo, a ação que de fato concretiza a ameaça é o posicionamento das tropas, que cumpre o papel de dissuasão em relação à ação da OTAN.

A Rússia realiza, dessa forma, seu movimento estratégico incondicional ao mostrar que, independente do que ocorrer, sua decisão está pré-estabelecida: as tropas serão mantidas na região. Mais especificamente, a estratégia aplicada pela Rússia pode ser considerada um *brinkmanship*, segundo Dixit and Skeath (1999) e Schelling (1981). Com a adição de um novo risco ao confronto, que afeta ambos os lados, a Rússia passa a responsabilidade de evitar o conflito e o desfecho catastrófico para o adversário. Assim, cabe aos aliados da OTAN não atacarem - caso contrário, a Rússia seria obrigada a cumprir com o compromisso de defender sua posição.

Nesse caso, o posicionamento de tropas assume o papel de uma *signalização*, mas especificamente como um sinal custoso (HUGH, 1999) por parte da Rússia. Essa ação aumenta os riscos de um conflito, pois caso os aliados da OTAN ataquem, a Rússia obrigatoriamente vai entrar no conflito. Além disso, a ação tem o papel aumentar os próprios custos para a Rússia - morais e em recursos - no caso de um recuo na ameaça, comprometendo ainda mais a sua posição.

Emitir esse sinal custoso foi uma estratégia importante nesse caso, posto que jogadores que estão blefando em suas posições raramente mostram esse tipo de comprometimento devido aos riscos e custos (HUGH, 1999). Assim, a Rússia garantiu perante a OTAN o seu comprometimento com a sua posição e demonstrou a inclinação do país em manter a Ucrânia no seu satélite de influência, mesmo que isso tenha alguns custos. Ao mesmo tempo, ela aumentou os custos e os riscos para a própria OTAN em caso de prosseguimento do conflito.

Cabe salientar que, a partir da reconfiguração do jogo, a Rússia passa a adotar uma postura dissuasória, uma vez que seu objetivo não é de fato manter as tropas para atacar a OTAN, mas garantir que o risco seja tão alto que cause a desistência do adversário.

A estratégia utilizada pela Rússia foi extremamente ousada, em virtude de que riscos inseridos são compartilhados. Caso os aliados da OTAN atacassem, haveria grandes perdas em ambos os lados, que também seriam imprevisíveis, já que não era possível garantir que o oponente de fato recuaria. No entanto, nesse caso, o emprego do *brinkmanship* foi bem-sucedido: a Rússia conferiu credibilidade (Schelling, 1966) às suas falas e funcionou como uma dissuasão, de modo a evitar uma interferência externa e um eventual confronto com os demais países.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conflito pela Crimeia, em 2014, foi um fato marcante para as relações internacionais. Todos os eventos decorrentes propiciaram uma conjuntura de incerteza e riscos que trouxeram temor ao cenário internacional. Por um lado, tinha-se a crise ucraniana, que desestabilizou o país politicamente e causou fissuras sociais, dividindo a população entre aqueles que apoiavam o Ocidente e aqueles que preferiam a proximidade com a Rússia. Por outro lado, havia uma competição por poder entre a OTAN e a Rússia, que já era guiada por um amplo histórico de impasses e conflitos.

A OTAN, desde a década de 1990, buscava a expansão no Leste Europeu e via na Ucrânia um grande aliado, devido a sua localização estratégica. A Rússia, por sua vez, tinha a Ucrânia com um território estratégico neutro entre ela, a União Europeia e a OTAN. Com esses precedentes, compreende-se que o conflito pela

Ucrânia não se tratava apenas de um território, mas sim da delimitação da zona de influência de ambos os lados - Rússia e OTAN.

É importante ressaltar ainda como esse conflito envolveu diversas esferas, como política, social e econômica. Não se pode deixar de considerar todo o histórico da região ucraniana, em especial a Crimeia que era pertencente à Rússia até metade do século XX. Além disso, a Ucrânia era um aliado histórico da Rússia, político, militar e economicamente. Esses laços faziam com que a região fosse ainda mais relevante para a Rússia.

Esse contexto da invasão e anexação da Crimeia demonstra a importância da conquista e manutenção desse território na visão russa. Para garantir esse objetivo, a Rússia adotou uma estratégia ousada, que aumentou ainda mais os riscos e levou à possibilidade de um escalonamento do conflito a nível global. Entretanto, foi exatamente o seu posicionamento sólido, com as ações que demonstravam o comprometimento que ela tinha com seu objetivo, que levaram a vitória nesse caso.

Conclui-se que, ao fim, a Rússia garantiu a anexação da Crimeia e manutenção desse território sem ter que encarar um conflito militar de grande escala. A anexação não foi reconhecida pela OTAN e seus aliados e, apesar das sanções políticas e econômicas, não houve um avanço militar que confrontasse a posição russa. Essa falta de represálias causou impacto a curto e longo prazo.

A análise da anexação da Crimeia é relevante, uma vez que esse foi o início da atuação russa no território ucraniano. As tensões na região permaneceram por quase uma década, até culminar na invasão da Ucrânia, e início da Guerra entre os dois países. É importante ressaltar o papel da anexação da Crimeia nos eventos posteriores, visto que a vitória neste caso, e a falta de represálias externas, abriu um precedente para novas tentativas de expansão russa na região.

## REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Nações Unidas. **Integridade territorial da Ucrânia**, 24 mar. 2014. Disponível em: [https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/68/L.39&referer=http://www.nytimes.com/2014/03/28/world/europe/General-Assembly-Vote-on-Crimea.html?hp&lang=S](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/68/L.39&referer=http://www.nytimes.com/2014/03/28/world/europe/General-Assembly-Vote-on-Crimea.html?hp&lang=S). Acesso em: 22 dez. 2021.

CHAMMAH, Albert M.; RAPOPORT, Anatol. **The Game of Chicken**. American Behavioral Scientist, [s. l.], v. 10, ed. 3, p. 10-28, 1 nov. 1966. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/000276426601000303>. Acesso em: 2 fev. 2022.

DIXIT, Avinash; SKEATH, Susan. **Games of Strategy**. 2. ed. rev. Nova York: W. W. Norton & Company, 1999. 665 p.

FIANI, Ronaldo. **Teoria dos Jogos**: Com aplicações em economia, administração e ciências contábeis. 3. ed. rev. EDITORA ELSEVIER, 2009. 384 p.

FERRER, Isabel. **A Rússia é afastada do G8 depois da anexação da Crimeia**. El País Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/24/internacional/1395646165\\_225453.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/24/internacional/1395646165_225453.html). Acesso em: 22 dez. 2021.

GOMEZ, Rafael. **Com Crimeia anexada, Putin indica saída para crise e espera sinais do Ocidente**. BBC News, São Paulo, 18 mar. 2014. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140318\\_putin\\_analiserg](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140318_putin_analiserg). Acesso em: 22 dez. 2021.

HAUSKEN, Kjell. **Probabilistic Risk Analysis and Game Theory**. Risk Analysis, [s. l.], v. 22, ed. 1, p. 17-27, 29 abr. 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/0272-4332.t01-1-00002>. Acesso em: 2 fev. 2022.

HIMKA, John-Paul. **The history behind the regional conflict in Ukraine**. Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History, vol. 16, no. 1, p. 129-136, 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/569805/pdf>. Acesso em: 22 dez. 2021.

HUTH, Paul K. **DETERRENCE AND INTERNATIONAL CONFLICT**: Empirical Findings and Theoretical Debates. Annual Review of Political Science, [s. l.], p. 25-48, 1 jun. 1999. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.polisci.2.1.25>. Acesso em: 17 mai. 2022.

KISSINGER, Henry. Henry Kissinger: **To settle the Ukraine crisis, start at the end**. The Washington Post, p. 3, 5 mar. 2014. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/opinions/henry-kissinger-to-settle-the-ukraine-crisis-start-at-the-end/2014/03/05/46dad868-a496-11e3-8466-d34c451760b9\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/opinions/henry-kissinger-to-settle-the-ukraine-crisis-start-at-the-end/2014/03/05/46dad868-a496-11e3-8466-d34c451760b9_story.html). Acesso em: 26 out. 2021.

MARSHALL, Tim. **Russia and the Curse of Geography**: Want to understand why Putin does what he does? Look at a map. The Atlantic, p., 31 out. 2015. Disponível em:

<https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/russia-geography-ukraine-syria/413248/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

MEARSHEIMER, John. 2014. **Why the Ukraine Crisis is the West's Fault**: the Liberal Delusions that Provoked Putin. Nova York: Foreign Affairs. <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault>. Acesso em: 17 dez. 2021.

MIELNICZUK, Fabiano. **A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais**. Conjuntura Austral, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 23, p. 4-19, maio 2014. ISSN 2178-8839. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/46849/29136>. Acesso em: 17 dez. 2021.

SAIZ, Eva. **A Assembleia da ONU considera o referendo da Crimeia ilegal**. El País Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395944722\\_944249.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395944722_944249.html). Acesso em: 22 dez. 2021.

SCHELLING, Thomas. **Arms and Influence**. Londres: Yale University Press, 1966. 312 p.

SCHELLING, Thomas. **The Strategy of Conflict**. Cambridge: Harvard University Press, 1981, p.200.